

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social - ASCOM

Sumário

VEÍCULO: Folha de S. Paulo	2
Título: Oferta de lítio pode brevar avanço de carro elétrico	2
Título: Megagarimpo ilegal provoca 'febre do ouro' e divide índios no Pará	3
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	7
Título: Notas	7

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Seção: Mercado****Autor:****Título: Oferta de lítio pode brecar avanço de carro elétrico**

Baterias com lítio produzidos pela Panasonic para carros elétricos da Tesla

DO "FINANCIAL TIMES"

Há um ano, o fundador e presidente-executivo da Tesla, Elon Musk, brincou que o lítio era apenas o "sal na salada" para as baterias tão importantes para as companhias de carros elétricos.

Passados 12 meses, aquilo que o pioneiro da Tesla chamou de "apenas sal" virou motivo de preocupação para um número crescente de analistas -e algumas montadoras.

O temor é que a oferta de lítio não seja capaz de acompanhar o aumento da demanda com a expansão na produção de veículos elétricos.

"Existe um consenso sobre a demanda, não discutimos mais sobre isso", afirmou John Kanellitsas, vice-presidente do conselho da Lithium Americas, mineradora que desenvolve um projeto de lítio na Argentina.

"A conversa agora envolve a oferta e se nós, a indústria, conseguiremos atender."

Os preços do carbonato de lítio, usados em cátodos de bateria, mais que dobraram desde 2015, segundo a consultoria CRU.

Algumas pessoas falam na possibilidade de um "superciclo do lítio", repetindo o que ocorreu com o minério de ferro no início deste século, com a disparada no preços, resultado da demanda chinesa.

"Levou muitos anos para a oferta de minério de ferro alcançar a demanda. E o mesmo vai acontecer com os materiais para bateria, se não houver dinheiro para desenvolver novos projetos", disse Reg Spencer, analista da Canaccord Genuity.

Spencer estima que sejam necessários investimentos de US\$ 3 bilhões para extrair mais lítio na América do Sul e na Austrália.

Na semana passada, um executivo da Volkswagen afirmou em evento em Londres que o fornecimento de lítio e cobalto (metal usado em baterias) é grande preocupação da montadora.

Em abril, a chinesa BYD, fabricante de veículos elétricos, disse que estava em negociação com produtores chilenos para garantir o fornecimento de lítio.

O banco UBS prevê que, em 2025, 14% dos carros no mundo serão elétricos. Mas alerta para os possíveis riscos, ainda que temporários, de um gargalo na capacidade de mineração do material.

Essa crescente preocupação sobre o oferta também se deve porque a produção está concentrada nas mãos de poucas empresas: a americana Albemarle, a Sociedad Química y Minera de Chile e as chinesas Tianqi Lithium e Ganfeng Lithium (ambas têm produção na Austrália).

Para David Deak, diretor técnico da Lithium Americas e ex-engenheiro da Tesla, a produção de lítio precisa passar em 20 anos de 182 mil toneladas para uma média de 3,1 milhões de toneladas para abastecer a frota mundial.

"Muita gente superestima a facilidade de aumentar a oferta", afirma Richard Seville, presidente-executivo da Orocobre, a primeira a investir em um projeto de extração de salmoura de lítio, há 20 anos, na Argentina.

Tudo isso indica que a caçada pelo "sal" deve ficar ainda mais intensa.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Ciências

Autor: Fabiano Maisonnave / Avenier Prado

Título: Megagarimpo ilegal provoca 'febre do ouro' e divide índios no Pará

ENVIADOS ESPECIAIS AO SUDOESTE DO PARÁ

Do alto, é difícil acreditar que um garimpo tão grande atue na ilegalidade: no meio da floresta densa, abre-se uma chaga de centenas de metros de terra exposta e água empoçada, em plena terra indígena mundurucu.

Na última terça-feira (5), seguindo denúncia das principais lideranças mundurucus, o megagarimpo foi alvo de uma operação do GEF (Grupo Especializado de Fiscalização), a unidade de elite do Ibama. A Folha acompanhou a ação.

Após viagem de 200 km desde a cidade Novo Progresso (PA), os três helicópteros da missão aterrissaram ao lado do igarapé Água Branca, que, sem a proteção da floresta, se transformou num jorro barrento cruzando a terra estéril.

Seis agentes portando armas longas foram escalados para a ação, em região considerada de alto risco. No ano passado, um PM que dava apoio ao Ibama foi morto por um garimpeiro. Em 2012, a PF matou um mundurucu durante a tomada de um garimpo ilegal.

O objetivo era destruir o maquinário, autuar infratores e levantar informações sobre os donos do garimpo, mas um incidente com um mundurucu fez com que a missão fosse interrompida após meia hora no solo.

Ao ver uma escavadeira, avaliada em cerca de R\$ 500 mil, sendo incendiada, um índio avançou sobre um dos agentes, que usou spray de pimenta para pará-lo. Após desconfiarem que a situação sairia do controle, foi dada a ordem de retirada.

Os agentes estavam em ampla desvantagem numérica. No garimpo, há uma curutela (vila) de pelo menos 50 barracos –o local, que ocupa cerca de 400 hectares, segundo imagens de satélite, e dispõe até de pista de avião e de internet sem fio.

Apesar do pouco tempo no chão, o Ibama conseguiu apreender atas de reunião, informes e recibos de pagamento em ouro dos garimpeiros para a Associação Pusuru, de mundurucus da região.

No documentos obtidos, aparecem carimbos com CNPJ e assinatura dos coordenadores da organização, com sede em Jacareacanga (a 1.190 km a sudoeste de Belém, em linha reta).

Ao Ibama, o garimpeiro José Barroso de Lima, 60, dono de uma escavadeira, explicou que está no local há dois anos, após acordo com lideranças locais mundurucus pelo qual entrega 10% do ouro produzido –2% para a associação e 8% para uma das aldeias próximas.

DIVISÕES INTERNAS

A corrida do ouro tem criado tensão entre os mundurucus, etnia de 12 mil pessoas conhecida por protestos ousados, como a tomada por uma semana do canteiro de obras da usina Belo Monte, em 2013.

Principal liderança da etnia, o cacique geral, Arnaldo Kabá, protocolou ou apoiou denúncias de atividade garimpeira em terra indígena à Funai, ao Ministério Público e ao Ibama.

No ano passado, ele foi ao local pessoalmente, mas a reunião não teve resultado: "Fiquei triste porque o meu povo está com ideia tão diferente. Cacique pega ouro,

mas não sei se está fazendo alguma coisa pela comunidade", disse à Folha, por telefone.

"A população está sofrendo muito com os garimpeiros brancos. A água está muito suja, muita tristeza, traz mercúrio, malária, diarreia", completou.

Embora em minoria, o envolvimento dos mundurucus é significativo. Apenas no garimpo Água Branca, 22 aldeias recebem pagamento em ouro, de um total de 123.

O número de aldeias participantes foi dado por Waldelirio Manhuary, uma das principais lideranças da associação Pusuru. Ele afirma que a cobrança do percentual é um direito pelo dano e afirmou que as lideranças contrárias ao garimpo não são representativas.

Por telefone, Manhuary afirmou que há no local dez escavadeiras e 19 máquinas para garimpo, usadas para lavagem do solo. Dessas, duas escavadeiras e oito máquinas pertencem aos mundurucus.

"Não somos bandidos. Ladrões são os de colarinho branco, os congressistas", afirmou.

Responsável pela fiscalização do sudoeste do Pará, a gerente executiva do Ibama em Santarém, Maria Luiza de Souza, afirma que, ao poluir os rios, o garimpo traz mortalidade de peixes e doenças para as comunidades indígenas, que em troca recebem um percentual muito pequeno da riqueza produzida.

"Não há aumento na qualidade de vida da aldeia, é um dinheiro que beneficia apenas o garimpeiro. O índio não fica com nada."

BALSA DESTRUÍDA

Em ação cinematográfica, agentes do GEF (Grupo Especializado de Fiscalização do Ibama) incendiaram uma grande balsa de garimpo dentro de área protegida, no sudoeste do Pará. A destruição foi criticada pela Câmara de Vereadores de Itaituba (1.300 a oeste de Belém), cidade que vive da exploração do ouro.

A balsa foi localizada no último dia 3 de junho durante fiscalização feita por três helicópteros do Ibama em trecho do rio Jamanxim que marca a divisa entre a Terra Indígena Sawré Muybu e Floresta Nacional Itaituba 2, ambas vetadas à mineração.

Por falta de local de pouso, três agentes do GEF, unidade de elite do Ibama, pularam do helicóptero para o rio, de forte correnteza, em trecho próximo à

balsa. Outros três desceram em uma ilha de pedra e usaram um pequeno barco sem motor parado ali para atravessar o Jamanxim.

A reportagem da Folha, que acompanhou a operação, não foi autorizada a desembarcar por falta de segurança.

Antes de a balsa ser destruída, foram apreendidos um revólver e um caderno de contabilidade que demonstraria extração de ouro até a véspera da operação. As quatro pessoas na embarcação, todas empregadas do proprietário, foram liberadas. Não havia indígenas.

Chamada de escariante, essa balsa é considerada a mais nociva ao meio ambiente entre as encontradas no garimpo. Por meio de uma coroa rotativa apelidada de abacaxi, sua draga tem capacidade de perfurar o leito do rio em busca de ouro.

A embarcação pertencia a Luis Rodrigues da Silva, 64, o Luis Barbudo, presidente do Movimento em Defesa da Legalização da Garimpagem Regional.

Por telefone, ele afirma ter sofrido prejuízo de R\$ 1,5 milhão e negou que estivesse garimpando no local.

"Não me deram oportunidade pra conversar, notificação, nada. A balsa estava parada no local havia 15 dias porque o motor quebrou. Como não consegui arrumar o rebocador nesse prazo, o Ibama passou e tocou fogo."

Na terça-feira (6), o garimpeiro recebeu o apoio de vereadores da cidade durante sessão na Câmara, que se comprometeu em aprovar uma moção de repúdio ao Ibama.

Segundo a chefe da fiscalização do órgão ambiental para o sudoeste do Pará, Maria Luiza de Souza, toda a região depende economicamente do crime ambiental, principalmente garimpo, exploração madeireira e a pecuária em cima do desmatamento, atividades em que é comum o envolvimento de políticos locais e grandes empresários.

"Da maneira que eu vejo, a exploração da Amazônia é insustentável. É aquela coisa do extrativismo: vamos tirar, acabar tudo e depois a gente vê o que dá."

Os jornalistas FABIANO MAISONNAVE e AVENER PRADO viajaram para a terra indígena mundurucu a convite do Ibama

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Seção:** Economia / colunas**Autor:****Título:** Notas**» À caça.**

O presidente da Usiminas, Sergio Leite, reuniu-se nesta semana com Pedro Parente, presidente da Petrobrás. O encontro foi pautado na busca de oportunidades para a siderúrgica mineira expandir sua atuação. Um dos pontos levantados foi a capacidade da Usiminas em fornecer aço para a indústria naval e de óleo e gás.

» Desovando

O programa de desinvestimentos da Cemig está movimentando os principais bancos do País. O Bradesco BBI comandará a venda da Cemig Telecom, que deve ser leiloada em novembro. Já o BTG Pactual está à frente da venda da Light Energia e das usinas hidrelétricas de Cachoeirão, Pipoca e Paracambi, prevista para este ano, já que há tratativas em andamento para vender os ativos para a Aliança Geração de Energia, joint venture da própria Cemig com a Vale.

MME / ASCOM .